

A vida no país onde ser homossexual é crime

COMUNIDADE LGBTQIAP+ VIVE SOB A SOMBRA DO MEDO NO PAÍS DA COPA, ONDE A HOMOSSEXUALIDADE É CONSIDERADA CRIME E PODE RENDER TRÊS ANOS DE PRISÃO. ENCONTROS EM GRUPOS SECRETOS SÃO A ÚNICA FORMA DE RELACIONAMENTO



A IMENSIDÃO DO PRECONCEITO

Joko Vitor Marques

Enviado Especial do Catar

MATHEUS MURATORI

Fatma* saiu de casa sorridente. Entrou no quarto de hotel que tinha reservado com os amigos e andou até o espelho. Maquiou-se, vestiu a roupa que queria e foi se divertir como numa outra noite qualquer.

Mulher trans, ela nasceu no Catar. Cresceu aterrorizada em um país que criminaliza a população LGBTQIAP+ e encontrou alívio em pequenos grupos secretos da comunidade.

Na sede da Copa do Mundo, ser quem é pode significar uma vida de medo. As sombras, pessoas discriminadas encontram maneiras de aliviar a tensão e se relacionar romanticamente.

Aplicativos como Tinder e Grindr são bloqueados na rede local, mas alguns dizem ter acesso com o uso de VPN.

Os encontros com os 'matches' representam perigo e costumam ocorrer em ambientes privados. Em grupo, os mais corajosos também vão a bares e baladas, espaços que eventualmente podem ser liberais. Mas sem demonstração pública de afeto.

"Essa questão do encontro é a mais difícil, muitos simplesmente não saem, ficam em casa, escondem-se mesmo", conta Nasser Mohamed, de 35 anos, primeiro catari a se assumir gay publicamente, ao Estado de Minas/Superesportes.

"É uma questão de você viver como você realmente é e até ir para a cadeia, quando não torturam e fazem outras coisas. É uma situação muito difícil, as pessoas não podem ser quem elas são de verdade em público", prossegue.

Nasser Mohamed é médico e buscou asilo nos Estados Unidos. Não pode voltar para o país onde nasceu por medo de perseguição. No Catar, ser LGBTQIAP+ pode resultar em três anos de prisão, sem contar as ameaças e maus tratos.

INDIGNAÇÃO Ele é a fonte principal desta reportagem, que, por segurança, não ouviu diretamente ninguém que vive atualmente no país. Mohamed tem compartilhado histórias de pessoas da comunidade como forma de mostrar ao mundo a indignação pelas leis do Catar.

Para as mulheres, buscar o amor é ainda mais perigoso. Naval* é bissexual e relata ter sido confrontada após o Departamento de Segurança Preventiva do Catar encontrar em seu celular troca de mensagens amorosas com homens e mulheres.

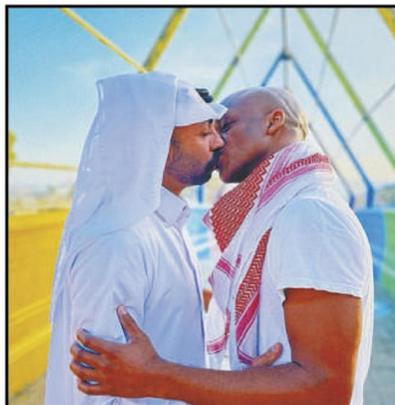


Nasser Mohamed, que hoje vive nos EUA, criou o Proud Marrons, grupo de torcedores LGBTs que 'torce' pelo Catar

“

Eu fui mentalmente e fisicamente abusada por ter saído da casa do meu pai e por eles terem achado as mensagens. Fui forçada a assinar um termo que diz que não fui mal tratada para ser liberada”

■ Naval* mulher catari que é bissexual



"Eu fui mentalmente e fisicamente abusada por ter saído da casa do meu pai e por eles terem achado as mensagens. Fui forçada a assinar um termo que diz que não fui mal tratada para ser liberada", conta.

Andar pelas ruas com o parceiro

FOTOS: REPRODUÇÃO/OSCARIAN

“

É uma questão de você viver como você realmente é e até ir para a cadeia, quando não torturam e fazem outras coisas. É uma situação muito difícil, as pessoas não podem ser quem elas são de verdade em público”

■ Nasser Mohamed, médico catari de 35 anos que pediu asilo político nos Estados Unidos

pode ser perigoso não apenas pelo que a polícia pode fazer com base na lei, mas também por parte da população.

"Eu recebi uma mensagem de uma mulher trans que estava andando junto de um parceiro e foi insultada, dizendo que ela não poderia estar ali daquele jeito no Catar. Ela argumentou que o país estava recebendo o mundo todo, mas a pessoa simplesmente ignorou. É algo terrível", conta Mohamed.

CRÍTICAS E CENSURA A Copa do Mundo no Catar fez com que as críticas contra as leis que criminalizam a população LGBTQIAP+ aumentassem no Ocidente. Porém, as regras locais é que têm ganhado a queda de braço – a Fifa chegou a ameaçar punir seleções que queriam protestar.

Enquanto isso, no dia a dia de quem vive no Catar, a saída encontrada é mesmo buscar apoio em grupos confiáveis.

Mas nem sempre as histórias têm finais felizes. Naquela noite de diversão com amigos, Fatma preferiu a morte a ter que encarar os policiais que a abordaram no quarto de hotel.

* Nomes fictícios.

Mensagem no Instagram de Nasser Mohamed que acompanha a foto acima: "Celebrando o momento com amor. Não será a portas fechadas até que você pare de nos torturar a portas fechadas"

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: SuperEsportes **Página:** 11